

Fim-de-Semana



EDIÇÕES NOVEMBRO

EUCLIDES DA LOMBA E GABRIEL TCHIEMA

Quando a cumplicidade potencia a música

No início da segunda temporada dos Duetos N'Avenida Euclides da Lomba e Gabriel Tchiema revisitaram os seus sucessos e demonstraram o quanto a cumplicidade na vida potencia a música

Curiosidades + Comer fora + Comer em casa + Reportagem + Cultura + Roteiro de casa + Roteiro de rua

Horóscopo

Carneiro de 21/03 a 20/04
Semana boa para viajar, fazer planos, começar um curso novo e ser mais ousado em algum projecto que já está a dar certo. Pode começar algo novo desde que não seja algo impulsivo ou impensado.

Touro de 21/04 a 20/05
Boa semana para reflectir sobre a vida e as mudanças que já começaram a acontecer. Pode deparar-se com algum imprevisto ou contratempo, mas é hora de aprender a lidar com as mudanças e desafios que a vida impõe.

Gémeos de 21/05 a 20/06
Semana de novidades e oportunidades, mas sem o excesso de expectativas para não prometer o que não poderá cumprir. Pode realizar um sonho ou ter um encontro muito importante e significativos.

Caranguejo de 21/06 a 21/07
Semana produtiva no trabalho e ótima para organizar melhor agenda e rotina. O momento também é positivo para cuidar da saúde e deixar sua vida mais saudável em todos os aspectos.

Leão de 22/07 a 22/08
A semana boa para mostrar o quanto é criativo. Leve o que precisa fazer a sério e encare cada desafio com bom humor.

Virgem de 23/08 a 22/09
Semana boa para cuidar das coisas pessoais. Assuntos ligados a casa e à família precisam mais de atenção e com a rotina doméstica organizada, conseguirá tocar melhor o trabalho. O momento é bom para o diálogo, as relações amorosas e parcerias profissionais.

Balança de 23/09 a 22/10
Dias bons para reconciliação, encontros com pessoas com quem não fala há um tempo e organização das responsabilidades que envolvem outras pessoas. Dias de atenção aos assuntos familiares, mas positivos para os contactos de trabalho, os cursos e as viagens.

Escorpião de 23/10 a 21/11
Semana para ser mais organizado com foco nas coisas práticas e materiais. Ao abordar um assunto difícil, seja prático e mostre logo onde quer chegar, mas sem perder a sensibilidade.

Sagitário de 22/11 a 21/12
Dias para olhar mais atentamente para si mesmo e as necessidades. É uma fase profissionalmente produtiva e financeiramente próspera. Aproveite a boa maré.

Capricórnio de 22/12 a 20/01
Período bom para ficar sozinho, fazer coisas que ama, investir em processos de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal. Assuntos ligados à espiritualidade também são bem vindos. Tente se divertir fazendo coisas com mais autonomia ou na companhia de quem ama.

Aquário 21/01 a 19/02
Semana boa para estar com os amigos ou com a equipa e pares de trabalho. A ideia é conversar, trocar, compartilhar. Planear juntos, ouvir todo mundo e colocar as ideias em prática. São dias para resolver assuntos domésticos e arrumar coisas em casa. Olhe para o futuro confiante.

Peixes de 20/02 a 20/03
Dias de mais contacto, interacção e diálogo. É um momento positivo para retomar antigos projectos e dar passos importantes para realizar alguns de seus sonhos.

País



Lagoa do Arco

Local paisagístico bastante visitado por turistas nacionais e estrangeiros dada a sua beleza, a lagoa do Arco é considerada um dos maiores pontos turísticos do município do Tômbwa, na província do Namibe. Situa-se na margem norte do rio Curoca, a 24 quilómetros da sede do município, e possui um desfiladeiro rochoso e formado por arenitos com 60-80 metros de desnível. O local compreende três lagoas, das quais a do meio é a mais famosa devido aos seus arcos naturais nos arenitos e que deram o nome ao local paradisíaco.

Fazem anos esta semana



Judelsia Bache

Estudante, Judelsia Bache nasceu no dia 3 de Março e foi a representante de Angola no concurso de beleza Miss World ou Miss Mundo. Judelsia Bache foi eleita na gala Miss Angola da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (Miss CPLP Angola), realizada em Luanda. Actualmente a beldade dedica-se a fazer trabalhos no ramo da moda.

Domingas Sampanha

Domingas António Sampanha nasceu no dia 3 de Março. Funcionária sénior do Ministério da Energia e Águas, Mingota como é carinhosamente chamada pelos mais próximos, tem a sua vivência feita no bairro do Kassequel do Lourenço, mais concretamente na rua 10.



Belmiro Chissengueti

Belmiro Cuica Chissengueti nasceu a 5 de Março de 1969, no Chinguar, província do Bié/Angola. Os seus pais são pertencentes à Igreja Protestante Reformada. Foi ordenado sacerdote a 5 de Maio de 1996. É licenciado em Direito Civil pela Universidade Católica de Angola. E desde 19 de Novembro de 2016 até à presente data ocupa o cargo provincial dos padres espiritanos em Angola.

Israel Campos

Israel Campos é um jovem angolano, locutor e repórter da Rádio Nacional de Angola (RNA). Foi, durante quatro anos, condutor do programa infantil "Kaluanda-Piô", da Rádio Luanda, e repórter para alguns serviços de notícias daquela estação emissora. Actualmente reside no exterior do país, onde dá continuidade aos estudos. Nasceu no dia 5 de Março de 2000.



Saiba

Palavra em comum em todas as línguas

Se se levar em conta as línguas do mundo ocidental com tradição enraizada na cultura greco-romana (português, inglês, espanhol, francês, alemão e italiano, por exemplo), é alta a possibilidade de se encontrarem palavras cuja pronúncia ou escrita seja igual. No entanto, se se considerar as línguas orientais, as semíticas (árabe e hebraico, por exemplo), as amazónicas brasileiras e as ameríndias dos Estados Unidos ou Austrália, é pouco provável que se encontre um verbete em comum.

De acordo com a chefe do departamento de Linguística, Letras Clássicas e Vernáculas da belíssima Universidade Federal do Paraná (UFPR), Maria Cristina Figueiredo Silva, ao super Abril, "as línguas têm mecanismos internos muito diferentes. Podemos pegar uma palavra e simplesmente adaptar a fonologia, mas há línguas que não adaptam e, sim, criam uma palavra nova". Se para nós "futebol" remete à goleada da Alemanha, outros idiomas podem inventar um verbete totalmente diferente para falar do desporto ou adaptar com a pronúncia própria.

Glenn Miller: O homem do trombone

Alton Glenn Miller viveu de 1904 a 1944. Foi um músico de jazz dos Estados Unidos da América e líder de banda na era do swing.

Foi um dos artistas de mais vendas entre 1939 e 1942, liderando uma das mais famosas big bands.

Conta-se que o som do trombone de Miller, imediatamente reconhecível e muito copiado, baseava-se em princípios musicais muito simples, como foram todos os seus grandes sucessos, incluindo a sua própria composição "Moonlight Serenade", que nasceu de um exercício que tinha escrito para Joseph Schillinger.

De acordo com o Wikipédia, os seus dois filmes realizados em Hollywood, Sun Valley Serenade, de 1941, e Orchestra Wives, no ano seguinte, não deixaram de contribuir para aumentar a sua reputação, mas o factor mais importante para a continuação do seu reconhecimento foi a saída, em 1953, do filme biográfico, um pouco aligeirado, "The Glenn Miller Story".

MODERNIDADE

Os auscultadores da nossa ousadia

Guimarães Silva

O homem tem nas tecnologias de informação e comunicação (TIC's) uma ferramenta de interacção e desenvolvimento e, no presente, um meio poderoso para atingir certos objectivos, com intenções diversificadas, dependendo do que se quer. A revolução tecnológica muda o mundo e, dia após dia, está ao alcance de muito boa gente.

Os telefones móveis, a "bengala" ao alcance de muitos de nós e amigo inseparável, já que pessoal, têm periféricos, "ajudantes" de rota para todo o serviço. Os auscultadores de diferentes tamanhos estão na primeira linha para completar a utilização daqueles, porque são fáceis de transportar pela leveza de peso, seguros na cumplicidade da escuta de segredos e meio para manter a privacidade desejada, violando em certos casos a alheia.

Os auscultadores estão na moda, por isso são de uso obrigatório. Quem não os tiver passa por antiquado, um sem swag, sem gosto para certos modismos, um resistente às peças que são simplesmente o apogeu da tecnologia auricular.

Os auscultadores abafam o ruído exterior que incomoda a quem frequenta o ginásio; serve como peça de apoio ao agente secreto mais secreto, próximo de quem quer ouvir em surdina dicas e juras de amor; sem testemunhas possibilitam colocar a fofoca em dia; não a da vizinha; a que nos é endereçada, ou invadida, sem apelo nem agravo, das redes sociais.

O par de microfones que nos permite ouvir em segredo é um aparelho prático, leve, multicolor, a discutir preferências com os modelos a preto e branco no mercado. A qualidade de som não tem comparação. O uso prolongado inspira cuidados de saúde.

Os mais entendidos em tecnologias, os que actualizam conhecimentos sobre o assunto adiantam que os mestres mudos ad hoc (livros, revistas, jornais e outros) classificam-nos em Circumaural, os que se colocam em torno da orelha, com um suporte que passa por cima do "nguimbo"; os Supra-aural, sobre a orelha, passando igualmente pelo occipital; Auricular, no gomo da orelha, aqueles que invadem o buraco onde mora o tímpano e o Intra-auricular, dentro da orelha, portanto, conhece o próprio Uii, a membrana, o tímpano.

Nos táxis, são a arma para quem aposta num mundo a sós. Na caminhada para manter a forma ou queimar gorduras, lá estão eles pendurados em boas orelhas no cumprimento da missão de agradar. Com eles o mundo fica a nossos pés, por isso é mesmo peça inseparável, para muitos de nós, mais um dos "órgãos" do corpo, a prótese que faz falta.

O aparelho é um cúmplice, um auxiliar para nosso resguardo. Ainda assim é incauto. Sem que nos apercebamos, transformamo-nos em escravos do que nos transmite e nós, "boca para a nuca", repetimo-los, alheios ao mundo ao redor.

Em circunstâncias a rodar o insólito, a nossa voz roufenha, impreparada para o lírico, pastosa, por vezes de passarinho ou fina de mais, invade privacidade. Quando absortos, alto e bom som, sem prestar atenção ao local e intimidades repetimos o coro da música do auscultador, provocando algum mal estar aos presentes. Aqui, o auscultador passa a aliado da falha, do percalço.

Ainda assim, nós os utilizadores dos auscultadores, pois são dois; caímos no ridículo, quando nos reservamos o direito de caminhar cidade adentro com as orelhas tapadas (pelo Circumaural ou Supra-aural, de acordo com os mais iluminados), isolando-nos do mundo mesmo partilhando olhares e montras.

Tornamo-nos um alvo à solta, perdendo o sentido da audição, sujeitos a riscos, principalmente quando ao volante de um meio rolante. Distraídos com o som do aparelho e quejandos que consumimos orelhas adentro, somos avessos e insensíveis a sons extras, como buzinas e outros avisos para evitar o pior.

Usar um só par de auscultadores, seria de bom tom, para em simultâneo gozarmos das tecnologias e dos ruídos exteriores, os circunspectos produzidos por vozes, chilreios, pios, assobios, gritos, roncões de motores, ralhetes que a natureza e outras

técnicas colocam à nossa disposição todos os dias. Os auscultadores, tecnologia, são auxiliares, nós os utilizadores..., portanto responsáveis.



ANTIGO BAIRRO DE ELITE

Precol: “quem te viu e quem te vê”

O bairro da Precol surgiu nos anos ‘30’ do século XX, numa zona que era povoada por árvores de diversas espécies. Nos finais dos anos ‘60, já era uma das zonas habitacionais de referência da elite da sociedade colonial em Luanda

César André

Nos seus primórdios, a zona era um autêntico matagal. As populações que viviam nas áreas circundantes aproveitavam as pequenas clareiras para cultivar a terra.

Antes do surgimento do bairro, as autoridades coloniais traçaram à régua e a esquadro a passagem da linha dos Caminhos-de-Ferro de Luanda nas imediações da circunscrição em direcção ao então distrito nordestino de Malanje.

Ao longo da linha férrea, a cerca de quilómetro e meio da circunscrição, num antigo bosque, foi erguida a estação que viria a chamar-se dos Musseques.

Reza a história que, nos finais dos anos ‘50’, na Precol, foram construídas as primeiras residências para os colonos portugueses. As casas possuíam quintais com vedação que garantiam segurança e comodidade aos habitantes. A empreitada de edificação do bairro colonial esteve a cargo da empresa de construção civil denominada Precol. A obra foi feita em tempo recorde e constituiu motivo de orgulho para os colonos que aportavam à então colónia de Angola em busca de melhores condições de vida, fosse nos negócios fosse no funcionalismo público.

Depois da construção das moradias e no intuito de juntar o útil ao agradável, a administração colonial sugeriu que a circunscrição passasse a designar-se bairro da Precol, em homenagem à empresa construtora.

Relatos de antigos moradores referem que no tempo colonial, através de empreitadas executadas por aquela empresa de construção civil, nasceram na cidade de Luanda mais dois bairros: Precol do Rangel e Precol do Prenda.

“Foi atribuído o nome Precol ao bairro, porque a empresa que construiu as casas pertencia a uma sociedade cooperativa. A cooperativa Precol construía as casas que posteriormente vendia aos brancos que desembarcavam em Luanda”, disse ao *Jornal de Angola* Marcos António, 70 anos de idade, um dos primeiros moradores do bairro Precol no pós-independência.

Conhecido também por “Cota Seope”, o nosso interlocutor revelou que, do outro lado da linha férrea, trabalhava outra cooperativa de construção, que se cha-

mava Alegria pelo Trabalho, que ergueu residências na zona que fazia fronteira com o bairro então denominado Adriano Moreira.

Ruas com nomes coloridos

O *Jornal de Angola* soube que na época a administração colonial plantou ao longo dos passeios defronte aos quintais da Precol árvores da espécie acácias, que no período da floração davam brilho e colorido próprios ao ambiente.

Além das benfeitorias envolvidas, as ruas foram sinalizadas e designadas com nomes de cores. É assim que, para além do Largo das Cores, as ruas passaram a chamar-se Arco Íris, Alva, Amarela, Azul, Azul Mari-

nho, Azul Celeste, Branca, Brillante, Carmim, Castanha, Cinzenta, Prateada, Púrpura, Rosada, Roxa, Rubra, Verde, Verde Mar e Violeta.

Elementos fornecidos pelo Censo de Setembro de 1964, no âmbito do projecto “Um Lar Para Cada Família”, promovido pela Comissão Administrativa do Fundo dos Bairros Populares de Angola, indicavam que o bairro da Precol possuía 1.076 habitantes.

Habitado por gente da alta burguesia colonial, o bairro da Precol tinha como vista privilegiada a Escola Emídio Navarro (actual Ngola Mbande), os CTT, Betão Zaire, as cervejeiras Cuca e Nocal e outras infra-estruturas importantes.

Era então notório observar os meninos que residiam na Precol a deslocarem-se à escola Emídio Navarro e a outros estabelecimentos escolares onde estudavam.

Além da Emídio Navarro, havia na circunscrição os colégios João de Deus, José Estevão e Santo Condestável.

Quem pretendesse deslocar-se ao bairro Sambizanga não registava nenhum impedimento ou obstáculos físicos no seu trajeto, como casas e quintais. Circulava-se à vontade no meio dos CTT, avançava-se até à zona do Betão Zaire e por aí além.

Moradores de fama

A Precol conheceu a maioria dos seus inquilinos de raça negra no período pós-inde-

pendência, quando muitos então ocupantes de origem portuguesa regressaram ao país de origem. “Eu, para poder morar aqui, foi através do filho de um português chamado senhor Pena, que foi à África do Sul em tratamento médico, para substituir uma válvula do coração”, deu a conhecer Marcos António “Cota Seope”.

O senhor Pena “já possuía algum dinheiro e muita fama”, disse “Cota Seope”, que acrescentou: “ele era um fazendeiro e pela consideração que o seu filho tinha para comigo, me foi possível arrendar um dos anexos da sua casa. Este gesto de consideração deveu-se ao facto de ele ter cumprido a tropa comigo, no exército

colonial, onde fizemos a especialidade de Artilharia na Companhia Número 1 (actual comandante Gika) e no Huambo, na Escola de Aplicação Militar, e a mesma comissão em Nambuangongo.

No tempo colonial, era muito difícil ver angolanos a viver no bairro. Dos nomes sonantes dos habitantes de então destacam-se os senhores Pena, Costa, Jorge Miranda Lemos, Rui Miranda, Paulo Amorim e Elísio Lacerda, este na altura radialista da Emissora Oficial de Angola.

A circunscrição era servida por serviços como o Banco Comercial, livraria, talho, correios e uma mercearia. Havia ainda o Bar Gaspar e a Boutique Zaza,



CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO

locais incontornáveis.

Havia também, no final da rua Verde, um bar que era propriedade de um português de Portimão, bem como a loja da Dona Isabel Junqueira, cujo esposo era comandante da organização de defesa civil denominada OPVC.

Morava igualmente na circunscrição o senhor Sousa, um angolano que naquela altura já possuía um estabelecimento rádio-técnico. De referências, não é tudo. Residiam também no bairro os senhores Roque, Calanga, Joaquim e Mão Amarela.

O célebre comandante Monstro Imortal, que se notabilizou na guerrilha na primeira região político-militar de Nambuangongo, do MPLA, também viveu largos anos na Precol. A sua residência ficava na esquina onde parava o autocarro número 18.

Das figuras emblemáticas que viveram na circunscrição, constam igualmente Pedro Fortunato, que foi governador provincial de Luanda e que morreu, tal como Monstro Imortal, na sequência dos acontecimentos de 27 de Maio de 1977, em Luanda. O malgrado governador foi amigo 'pessoal' do actual Vice-Presidente da República Bornito de Sousa, que também residiu no bairro.

O deputado Manuel Vicente, o senhor Cardoso, pai do actual chefe da Casa Civil do Presidente da República, Frederico Cardoso, Chico Airosa, Sena, Chico Sotto, Fernando Mendes, sobrinho de Mendes de Carvalho "Uanhenga Xitu", e a Dona Augusta, que trabalhou no Hospital Militar como enfermeira, também residiram no tempo colonial no bairro.

Constam ainda das figuras lendárias da Precol o falecido Matateu, que era guarda fiscal do Parque Nacional da Kissa, Matreira, Manboza, Bastos de Almeida "Likas", antigo dirigente desportivo, Xano, que jogou no Inter Club de Luanda, e tantos outros, alguns já falecidos, outros ainda vivos.

A Precol, no tempo colonial, era servida por um autocarro que levava os funcionários públicos, e não só, para a Baixa da cidade, onde a maioria funcionava. O machimbombo era de primeiro andar, ostentava o número 18 e fazia o seguinte itinerário: da Mutamba para o São Paulo e terminava o seu trajecto na Precol, no largo situado entre as ruas Verde e a Azul.

Mesmo tendo sido paulatinamente "cercado" por musseques, o bairro da Precol sempre foi uma zona privilegiada: não havia por lá tanta agitação, a violência não era preocupante e era pouco comum ver lá os cipaos e outras forças militarizadas. Era um bairro organizado, respeitável, sem desordem.

Saudade, só saudade

José Furtado, que vive actualmente na cidade do Porto, em Portugal, diz que morava na rua Roxa, na casa que faz esquina com a rua Violeta e que tinha uma mangueira que nos dias 25 de Dezembro de todos os anos

os seus pais iluminavam com luzes coloridas.

No período em que viveu na Precol (1970/74), conheceu a dona Gina Cabeleireira, grande amiga da sua mãe, que lhe deu grande apoio aquando de um acidente que sofreu e ia visitá-lo no Centro de Medicina e Reabilitação Física da Samba.

José Furtado recorda-se que na adolescência brincava com uma bicicleta de marca Impala. Estudou no Colégio José Estêvão, que tinha a dona Bia como directora. Foi aluno da dona Alzira e da dona Mariana, esta gostava de chamar-lhe capitão (lembrança do primeiro dia de aulas na 1ª classe, em que perguntado disse que quando crescesse queria ser capitão e casar com uma professora).

Manuel Tirso do Amaral é outro antigo morador da rua Roxa da Precol, onde teve como amigos de infância, no princípio dos anos '70', o Nelito, a São, o Paulo Amorim, o Zé Tó e a Lena (os dois últimos a viverem actualmente nos Anjos, em Lisboa).

Rui Cardoso viveu no bairro da Precol nos anos 1972/1973/1974. Ele diz ter morado numa vivenda na rua que faz fronteira com o Rangel. Cardoso diz que guarda como recordação a passagem pelos becos do Rangel com os seus amigos, miúdos como ele, nas idas ao Kutonoka onde despontavam artistas como Urbano de Castro, David Zé e Zé do Pau, entre outros.

Armando Nogueira, que actualmente vive em Oeiras, Portugal, disse ter morado na Precol na rua Violeta, de 1961 a 1974. "O meu irmão era jogador de basquete no Benfica de Luanda e, mais tarde, foi seleccionador nacional de Angola de basquete."

Venceslau Fragozo diz ter residido na rua Amarela, ou melhor ainda, na praceta. É neto da Bia, antiga proprietária dos colégios José Estêvão, na Precol, e João de Deus, na Cuca.

Das recordações que guarda, menciona os Medeiros - António, João, Miguel, Carla e Gil - e a loira Ju, figura mítica da Precol, além do João Carlos e do Rui Miranda e dos serões na praceta. "Enquanto os pais con-

versavam, brincávamos às escondidas e ao agarrar. Lembro-me de brincarmos ao rei manda, mas de bicicleta ou de patins. E lembro-me muito bem também do que passámos depois do 25 Abril, quando o bairro foi atacado."

Zezinha Ribeiro morou na rua Violeta durante cinco anos (1970/75) e saiu de lá para Portugal devido às confrontações da guerra civil em 1975, protagonizadas pelos três movimentos de libertação nacional.

Já Carla Monteiro viveu, nos anos '70', na rua Azul, a meio do bairro, entre a Arco Íris e a Verde. Os senhores Luís, João Carlos e Fernando eram seus vizinhos, "tal como o Zé Ló Ribeiro, com

quem me encontro de vez em quando aqui em Lisboa."

Naquele tempo, diz Carla Monteiro, tinha ainda como amigos o Luís da Dona Gina, que era seu companheiro de brincadeiras. Possuía dois pastores alemães, cães de que ela, segundo a própria, chegou a "provar a força dos seus maxilares e dentes."

Carla Monteiro diz ter feito os seus estudos primários no Colégio João de Deus e depois no Colégio Santo Contestável. "Na minha adolescência, tinha um amigo chamado Alex, que tinha uma bicicleta. Regularmente, organizávamos corridas de bicicleta e eu ganhava todas elas. Foram bons tempos", conta.

O *Jornal de Angola* soube, por outro lado, que as ma-

quetes das ruas do Distrito do Rangel, no qual o bairro da Precol está incluído, foram elaboradas pelo "Cota Seop", "eu trabalhava na Petrangol, tirava da empresa papel vegetal e à noite, em casa, fazia o esboço das ruas da circunscrição, juntamente com o meu amigo Mão Amarela", disse o próprio.

O nosso interlocutor garantiu que foi a partir daí que surgiram as ruas Talamungongo, Pernambuco, do Povo e dos Estudantes, entre outras. "Se forem à administração municipal vão encontrar tudo isso que estou aqui a relatar", garantiu.

Comandante Sangue e Fúria

No período logo após a proclamação da Independência

em 1975, o bairro viria a acolher muitos cidadãos nacionais, dentre os quais o lendário Sangue e Fúria, um destemido comandante de agrupamento do MPLA.

Marcos António, um dos contemporâneos de Sangue e Fúria, conta que, numa ronda, o exército português se deparou com alguns guerrilheiros do MPLA. Instalou-se a confusão e a troca de tiros.

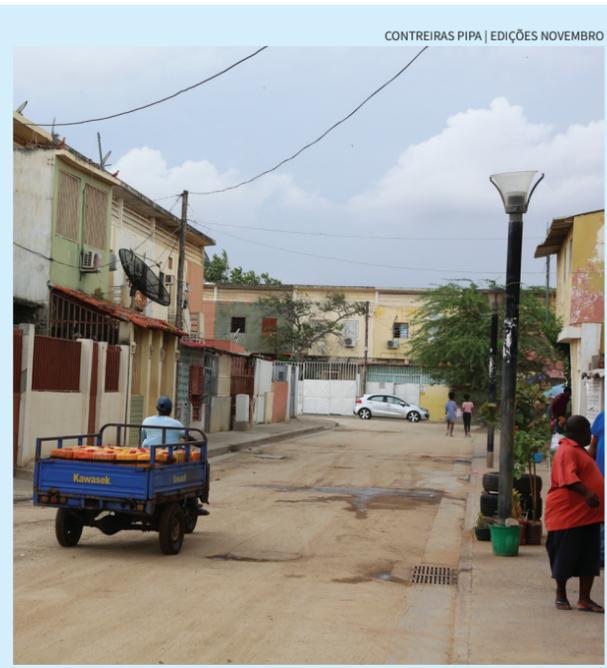
Sangue e Fúria, chamado de emergência ao local para apaziguar os ânimos, deparou-se com reacções negativas dos elementos da ronda do exército português. Durante a troca de palavras, o malgrado comandante teria dito que preferia morrer com uma bala do que trair o Presidente Agostinho Neto. Depois de ter preferido essas palavras, num ápice, um elemento do exército colonial com uma arma do tipo G3 fez um disparo que atingiu Sangue e Fúria na testa. A sua morte foi imediata.

Ao longo dos anos e de modo a reconhecer os feitos de Sangue e Fúria, que foi também um dos comandantes da base do MPLA na Precol, decidiu-se atribuir o seu nome àquela rua que nasce no bairro da Precol e termina no Centro Médico do Rangel.

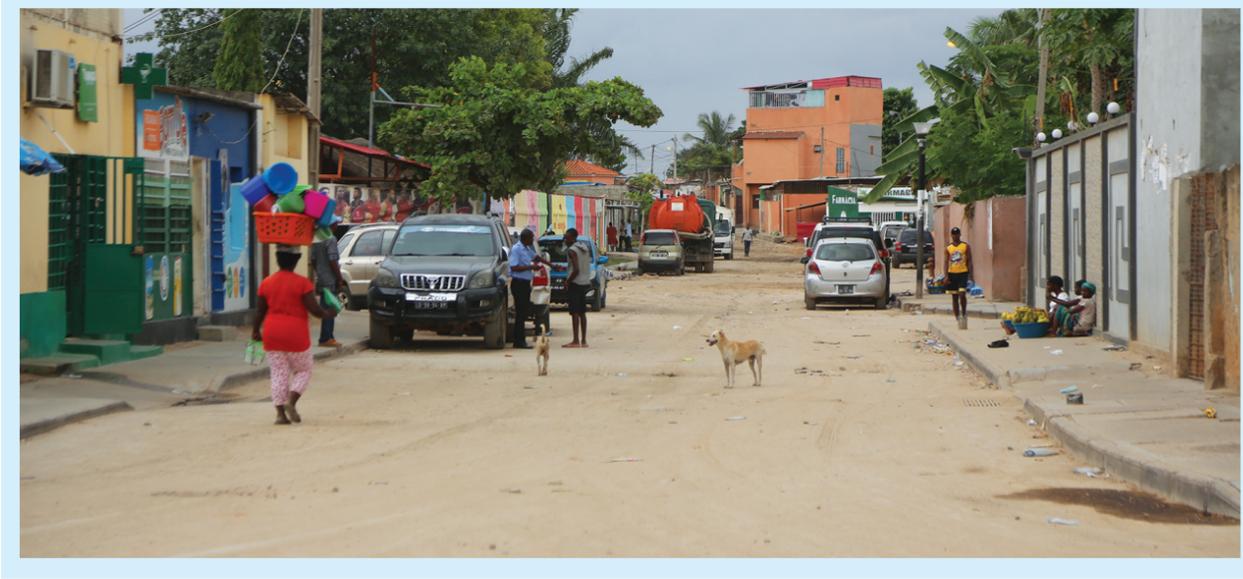
Além de Sangue e Fúria, de acordo com Marcos António, o "Cota Seop", notabilizaram-se na época outros guerrilheiros destemidos do MPLA, como Augusto Inglês, Kinjinje, Isafas e Kipuco, todos eles vindos do Maquis.



CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



DA LOMBA E TCHIEMA NA CASA 70

EDIÇÕES NOVEMBRO



Dueto de cúmplices na vida e na música

E não é que resultou? Gabriel Tchiema e Euclides da Lomba actuaram em dueto na abertura da II temporada dos “Duetos N’Avenida”. O reencontro entre os dois, desta feita, não foi no Mártires de Kifangondo, como aquando do regresso de Da Lomba, então jovem licenciado em Música em Cuba, mas na Casa 70, sala que deu a máxima liberdade aos artistas para cantarem os seus sucessos em timbres vocais diferenciados, como ficou bem comprovado em “Mulekeleke”, tema de abertura do espectáculo

Analtino Santos

Gabriel Tchiema apareceu dedilhando a guitarra e logo de seguida a voz de Euclides da Lomba surgiu entoando as primeiras estrofes do sucesso “Mulekeleke”, uma chianda lenta no início e que fecha num ritmo bem acelerado. O tema foi aproveitado pelo avantajado Fofinho, o percussionista e bom bailarino, para puxar pela plateia, de modo a que ela “não se soltasse.”

“Desejo Malandro” foi a primeira canção de Euclides que ganhou a voz de Tchiema, que prosseguiu com a difícil “Nguholese” e evitou umas lombas no cokwe do parceiro.

A boa receptividade do concerto ajudou a esquecer o cancelamento da actuação da dupla na temporada passada dos Duetos N’Avenida, por questões relacionadas com as funções que exercem

na kizomba. “Dona” caiu perfeitamente na voz de Euclides da Lomba. A influência de ritmos latinos do homem que foi iniciado e circuncidado na mukanda ficou bem patente em “Salsa pa Bó”, tema belíssimo que resultou de uma parceria com Boy Gé Mendes.

Tal como Gabriel Tchiema canta em “Celebração”, que é batuque, chianda, makoko e massemba, e que não se cala, os presentes mostraram-se e responderam com alegria e emoção, trazendo ao de cima o “feeling” e o “swing” que o compositor quase profetizou. O artista não deixou de lado os seus principais sucessos, como “Itela”, “Mbimba” e “Mungole”, assim como os três artistas que fazem parte da sua banda, o baixista Guiló, o percussionista Roberto Zola a.k.a. Fofinho e a corista Samanta.

Por sua vez, o romântico empedernido que é Euclides da Lomba, que faz a ponte entre a sensualidade e o erotismo, apostou nas picantes “Jeito Atrevido”, “Desejo Malandro” e “Recado do Semba”, assim como nos comparsas Marito Furtado, na bateria, Miqueias Ramiro, nos teclados, Djanira Mercedes, nos coros e Isaú Baptista, que no tema “Falso Confidente” deu o seu toque de guitarra à moda do ‘soukous’ congolês.

Depois de partilharem “Quem me Ama”, a outra proposta foi “Dona”, um dos primeiros sucessos de Gabriel Tchiema, numa época em que ainda apostava

Na senda das boas usurpações, o crioulo do leste que foi colocado em “Tchutchá” e o toque muito especial dado em “Hipocrisia”, davam por garantido o concerto. “Tchutchá”, segundo Gabriel Tchiema, é um tema que de tão familiar quase resume a relação de cumplicidade entre os dois músicos. “Hipocrisia”, na voz de Euclides da Lomba, também teve um outro condimento e ficou evidenciado que mantém a actualidade, uma vez que o sofrimento de boa parte da população está em alta. “Hipocrisia”, dos primeiros sucessos de Gabriel Tchiema, há muito que não é apresentada em público pelo autor, que agora “até é dirigente grande lá na província da Lunda-Sul”, condição que alíás o mantém distante de uma carreira que tem tudo para ser de renome internacional.

Foi uma noite super-inspirada e de revelações. Os dois contaram o quanto lutaram para conquistar o espaço na cena da música e viajaram pelos 25 sucessos executados em duas horas e meia. Para a recta final, reservaram “Caso de Amor e Ternura”, “Azulula” e “Regressa”, temas que falam por si mesmos. E para o fecho, destinaram dois temas com uma forte carga pessoal: “Tchilota”, onde Gabriel Tchiema fala de amigos e do seu passado, e “Parrandeira”, a revelação de amor que marcou Euclides da Lomba em Cuba, numa época em que dividia a música com o atletismo.

A boa receptividade do concerto ajudou a esquecer o cancelamento da actuação da dupla na temporada passada dos Duetos N’ Avenida,

por questões relacionadas com as funções que exercem: Euclides da Lomba é director nacional da Cultura e Gabriel Tchiema director provincial da Cultura, Juventude e Desportos na Lunda-Sul.

“Servir Mulekeleke e Parrandeira no mesmo prato é para deuses”, disse Lauriano Tchoia, ex-integrante do ASP de Cabinda, formação que esteve afectada à região militar onde Tchiema começou a notabilizar-se nas lides musicais.

Acertar em cheio no alvo

O projecto Duetos N’ Avenida acertou em cheio ao desafiar-se a trazer músicos cujo contraste enlaça na competência e na maturidade.

Fazer Gabriel Tchiema cantar músicas de Da Lomba e Da Lomba cantar Tchiema, parecia inicialmente de todo impensável. “Dona” e “Hipocrisia” parece que foram feitas para Euclides da Lomba e “Livres Serás” e “Tchutchá” deviam ser também de Tchiema, tendo em conta o ajustamento das vozes nas canções. Temos de reconhecer aqui a ousadia da organização, a grandeza de uma enorme banda, a natureza humana de Euclides e a compreensão de Tchiema, que proporcionaram tão agradável concerto. Em resumo, o público saboreou duas histórias de vida, cantadas num só palco.

Para as próximas edições dos Duetos, estão agendados Walter Ananaz e Don Kikas (Março), Yola Semedo e Pérola (Abril), Calado Show e Gilmário (Maio) e Ary e Kyaku Kyadaff (Junho).

Importa salientar que a dupla Paulo Flores e Yuri da Cunha encerrou a I temporada e Patrícia Faria e Puto Português abriram o projecto.



PRIMEIRA EDIÇÃO DO ANO SATISFAZ ENTUSIASTAS

EDIÇÕES NOVEMBRO

Muzongué augura um bom ano de 2019

“Já chegámos, camaradas”, foi assim mesmo, como se tivessem obedecido a este mote da saudosa lição do livro de leitura da 2ª Classe dos primeiros anos da República Popular de Angola, que os fiéis frequentadores da Catedral do Semba, nomeadamente os convertidos, passistas e demais entusiastas não apenas da música angolana, mas também do convívio pelo convívio foram à estreia de 2019, do suculento Muzongué da Tradição

Analtino Santos

Banda Movimento, Kyaku Kyadaff, Legalize e a orquestra Os Jovens do Prenda ajudaram a manter a animação de outrora no palanque do Salão Maria das Escreque-nhas. Depois do público apreciar os quitutes da terra ao som do dj, que na nossa modesta opinião deve ser substituído por um bom discotequeiro à moda antiga, a música ao vivo arrancou com a Banda Movimento, que não se ficou apenas pelos sucessos dos discos “Espontaneidades” e “Kufikissa”; outros clássicos nacionais foram interpretados por Mister Kim e Massoxi, suportados pelos colegas Miguel Correia (percussão), Chico Madne (teclado), Nino Groba (teclado), Teddy Nsingui (viola solo), Romão Teixeira (bateria), Mias Galheta (baixo) e Kintino (guitarra ritmo), além das coristas de plantão Beth Tavira e Gigi.

A Banda Movimento, que foi fundada no dia 2 de Março de 1999, sob iniciativa do Movimento Nacional Espontâneo, é considerada por muitos como tendo a matriz rítmica dos Jovens do Prenda, visto que membros bastante influentes dos jovitos esti-

veram na base da sua criação, como Kintino, Romão, Dom Caetano e mesmo Teddy Nsingui, assim como Fiel Didi.

Sendo a proposta da edição do Muzongué da Saudade, Legalize subiu ao palco para interpretar sucessos de Urbano de Castro, Artur Nunes e David Zé, o considerado “Trio da Saudade”. Legalize não esquece a casa que o consagrou como sembista, numa altura em que as noites de segunda-feira no local estavam a cargo de Cabé e da Banda Maravilha.

António dos Santos Neto, “Ligú” para os amigos e “Legalize” no meio artístico, antes de entrar no clima dos temas do passado interpretou o seu “Pato Fino”, aquela canção em que diz que vai dançar com uma grande bailarina. “Gajajeira”, “Kuala Kitixi”, “Njila ya Kako” e “Mabelé” foram alguns dos temas escolhidos como aperitivo para o Muzongué da Tradição. Legalize tem publicados os discos “Deus Vive” e “Mulundu”. Dentre outras experiências culturais, o carnaval tem sido outra das suas apostas, tendo chegado a interpretar nesse meio “O Kwanza Agora é Novo”, de autoria de José



Luís Martins “Xabanu” para o grupo União Dimba dya Ngola.

Outro jovem que subiu ao palco do Muzongué foi Kyaku Kyadaff, que apresentou um repertório assente nos seus principais sucessos, um pouco em contramão do espírito do concerto temático proposto pela casa e esperado pelos presentes. O autor de “Mónica” e detentor da edição de 2018 do Top dos Mais Queridos foi feliz ao colocar “Tata Nketo” de Teta Lando, uma música que é da sua pinha. O autor de “Kilamba” no passado já agradou aos fervorosos defensores da música angolana ao interpretar “Ndolo ku Muxima” de Zé Agostinho e rebuscar outros sucessos que normalmente apresenta quando está fora do seu grande público, que é a juventude. Kyaku Kyadaff tem no mercado os álbuns “Se Hungwele” e “Igual ao Prazer”, mas é possível encontrar temas seus em projectos musicais de outros artistas e composições suas na voz igualmente de outros artistas.

Animação ao rubro

A última proposta do cartaz foram Os Jovens do Prenda, que voltou a pisar o palco do Kilamba ainda na ressaca dos seus 50 anos de existência, celebrados com pompa ao longo do último semestre do ano passado, com passagens pelos principais locais da música nacional, com destaque para o Weza Paradise e, claro, o Centro Cultural e Recreativo Kilamba, onde atuaram no dia 23 de Setembro de 2018.

Os Jovitos estão com outra dinâmica de organização, graças ao apoio de um admirador e um dos seus principais mecenas, a quem foi atribuído o cargo de Secretário da Comissão de Reestruturação dos Jovens do Prenda. A orquestra subiu ao palco com mais de uma dezena de elementos e provou que tem valido a pena esta nova experiência, ao apresentar temas do seu rico repertório que há muito estavam fora das suas apresentações ao vivo.

Uma surpresa foi a inclusão de um tema novo que fará parte do seu próximo trabalho discográfico, interpretado por Tony do Fumo Filho. Outra novidade foi o facto do jovem tamborista Esteves Bento cantar “Chiquita”, tema celebrizado no impagável dueto Zecax e Zé Keno. Miau foi muito bem aproveitado para a primeira parte da exibição da orquestra, interpretando sucessos como “Nga Zua” e “Bela”.

A omissão da voz de Chico Montenegro em palco tem incomodado alguns aficionados dos Jovitos que gostariam de ouvir temas como “Jiendya Luanda”, “Teté”, “Isabel” e outros lamentos que fazem este membro-fundador, com o seu timbre vocal característico, justificar o título de Rei do Bolero angolano.

Mais uma vez Zé Mueleputo reproduziu o que Zé Keno eternizou. Charles, Zé Luís e, claro, o mestre da

guitarra António Imperial Baião, mostraram a craveira inegável da escola de guitarristas da formação. Benjamin, aos poucos, vai segurando o que Cangongo, Calili e outros baixistas consolidaram, enquanto Josué Rabuni, nos teclados, e João Daloba demonstraram que já estão por dentro do esquema.

Didi da Mãe Preta, outro membro-fundador, o homem do “Mexilhão” e um dos grandes executantes da dikanza, soltou a voz em “Ngongo” e “Maka Mazari”. Dom Caetano e Augusto Chacaya, artistas que no passado eram conhecidos como sendo vocalistas dos Jovens do Prenda, mais uma vez apresentaram-se como sendo de um “pacote à parte”. Dom Caetano deixou a plateia ao rubro com “Tia”, música que o catapultou nesta formação e a sempre actual e provocadora “Nova Cooperação”.

É unânime que quando Augusto Chacaya sobe ao palco numa tarde do Muzongué é para levantar a fassquia da animação. O homem, quando se põe a interpretar os sucessos “Samba Samba”, “Sandra” e “Santa Yami” mostra à saciedade que está como o vinho tinto: quanto mais velho, melhor.

O ambiente foi forte e a tarde quente de domingo ajudou a deixar a casa com uma espécie de saia-justa, pois no embate pelos líquidos o Kilamba ia sendo “devorado” pela sede dos convivas. E aconteceu o inédito. Ainda a música fazia-se em palco e era bastante notória a ausência dos líquidos que, muito supostamente, ajudam a desidratar o organismo e a aliviar o calor.

Jornalistas em cumplicidade

Já com a música ambiente a ser proposta pelo técnico de som que habitualmente opta por colocar versões, em detrimento dos temas originais, como sempre os presentes não queriam arredar pé. Facto digno de nota de reportagem foi a cumplicidade estabelecida entre os membros da classe jornalística, que estiveram em peso: António Bequenque, Gilberto Júnior, Graça Campos, Costinha Kajim Bangala, Isaías Afonso, Afonso Quintas, Manuel Quizembo, José dos Santos, Venceslau Mateus, José Calulu, Salas Neto, Zugú Epalanga, dentre outros. Daniel Ndunguidi e Vieira Dias, antigos craques do nosso futebol, mais uma vez provaram que também são craques na pista de dança.

Importa salientar que o Muzongué da Tradição retomou no passado domingo, depois de ter encerrado a temporada de 2018 com Bonga Kwenda no Muzongué da Dipanda, que aconteceu no dia 11 de Novembro.

As homenagens aos Bongos do Lobito, Sebastião Matumona dos Ngoma Jazz, Marito dos Kiezos, Kituxi e a celebração dos 50 anos dos Jovens do Prenda, dentre outros cartazes, marcaram o ano de 2018.



Uma caixa para Os Jovitos

Com um percurso que atravessa quatro gerações, Os Jovens do Prenda foram fundados em 1968 por Zé Keno, Chico Montenegro, Didi da Mãe Preta, Verry Inácio, Zé Gama, Luís Neto e Tony do Fumo. Inicialmente, em 1964, eram conhecidos como Os Jovens do Catambor e mais tarde Os Jovens da Maianga. Passam a ser Os Jovens do Prenda a partir de 1968 por sugestão de Manguxi, dono do Salão Braguês, no Sambizanga.

Com uma sonoridade peculiar, Os Jovitos, como também são amplamente conhecidos, tiveram sempre a liderança de Zé Keno, um dos maiores solistas da música

angolana. Até 1974 a formação lançou vários singles e acompanhou inúmeros artistas individuais. O grupo teve uma paralisação em 1974 e apenas regressou em 1981, pelas mãos do empresário Kandango. Tem os álbuns “Música de Angola, Jovens do Prenda”, lançado em 1982 e mais tarde reeditado como “Mutudi”. Seguem-se depois “Samba-Samba”, (1992), “Kudicola Kwetu”, (2003) e “Iweza”, (2010). Artistas como Zecax, Mingo Canhoto, Kintino, Twely Bamba, Romão Teixeira, Julinho Vicente, Joca, Dom Pirakanda, Mizinga, dentre outros, passaram por esta formação que é também considerada uma escola de músicos.



“QUENHÊ QUE DISSE”

Chuva no museke é alegria do povo

E a avó passeia pela memória para formular uma resposta repleta de imagens amontoadas ao longo do tempo, desde a sua meninice aos dias de hoje, já sem força nas inama, mas com nguzu ainda no cérebro

Soberano Kanyanga

Quando chove, a avó pega o seu banquinho de três pernas, que chama de “mocho”, e fica num canto a cachimbar ou a visitar as malambas acumuladas nos 80 e tal anos que armazena no seu cabelo de algodão.

Avó Maluvu, manhã cedo, café simples, forte-fervido, açúcar kabucado, nem palavra nem sílaba. Apenas o branco do fumo que se dilui na brancura dos seus “jinvi”.

Palavras, apenas quando o neto Miguelito lhe vem chatear com conversa fiada de “avó, chuva é crugulema?” E a avó passeia pela memória para formular uma resposta repleta de imagens amontoadas ao longo do tempo, desde a sua meninice aos dias de hoje, já sem força nas inama, mas com nguzu ainda no cérebro. E pensa:

– Tirando o barramento da passagem nos becos estreitos e os carros que, às

vezes, sujam quem de roupa branca se dirige à igreja Tô-co, quem que disse que chuva nos musekes só trás problemas? Quem, quenhê que disse?

“Chuva no museke não traz alegria aos kanuku que jogam a bola de trapo ou borracha, despreocupados com a surra por vir, depois de anodoar a camisola da igreja ou rasgar os sapatos da escola?”

Então aquela “divertição” de ver as moças banguanas nos outros dias, a não dar confiança nem na mãe que lhe lavou machachala, nos rapazes do bairro já é mais pior. – Xê, num

falo contigo, se cunhecêmos aondiê?! dizia.

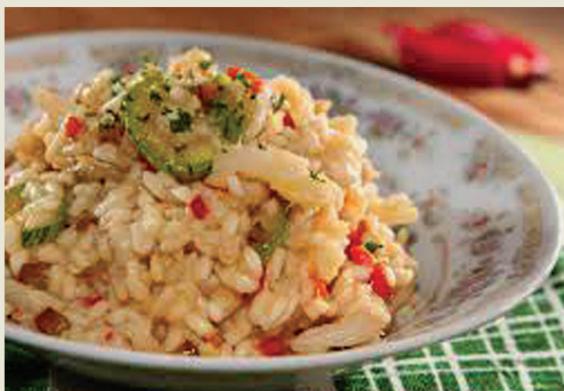
– Quem que disse é problema ver aquelas moças todas, com matakú enfiados nos calções das irmãs kasule, a acarretarem água dos quintais para deitar nas ruas; as mamãs, com os panos até ao diafragma, a sufocarem as mamas, também ajudando ou avançando com o matabicho de peixe matona, com batata-doce; os papás com calções de ténis a dar ordem aos mizangala para tapar os buracos nas ruas ou a remendar as casas “prejudicadas” pela chuva nocturna ou ainda a podar as trepadeiras que lhes cercam os quintais...

– Quenhê que disse que chuva no museke não traz alegria aos kanuku que jogam a bola de trapo ou borracha, despreocupados com a surra por vir, depois de anodoar a camisola da igreja ou rasgar os sapatos da escola? Quenhê que disse, menino?! Chuva no museke é também alegria do povo!



SANTOS PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

COMER EM CASA



Risoto de bacalhau

Ingredientes

- Azeite extravirgem;
- 1 cebola (em cubinhos);
- 3 dentes de alho (triturados);
- 200 gr de bacalhau (dessalgado e desfiado);
- 1 chávena de arroz;
- 1/3 chávena de vinho branco;
- 800 ml de caldo de legumes;
- 3 colheres de sopa de azeitonas verdes (picadas);
- 1 tomate (em cubinhos);
- 1/2 chávena de queijo parmesão (ralado);
- 2 colheres de sopa de salsa verde (picada).

Preparação

Numa panela coloque um fio de azeite e refogue a cebola, o alho e o bacalhau dessalgado e desfiado. Acrescente o arroz arbóreo, adicione o vinho branco, e deixe secar. Vá adicionando aos poucos o caldo de legumes, e mexendo sempre. Quando o arroz estiver quase no ponto adicione as azeitonas, o tomate, o parmesão e a salsa verde. Misture. Tempere com sal e pimenta do reino. Finalize com Azeite de Oliva, e sirva a seguir.



Torta

Ingredientes

- 4 gemas de ovo;
- 4 colheres de sopa de açúcar;
- 4 claras (em castelo);
- 4 colheres de sopa de farinha de trigo.

Recheio:

- 6-8 colheres de sopa de geleia.

Preparação

Bata as gemas com o açúcar até obter uma massa fofa. Bata as claras em castelo e ponha a massa das gemas, alternando com a farinha peneirada. Despeje por um cima dum tabuleiro untado, de 1,5 cm de espessura. Asse em forno quente (230°C) por 5 minutos. Vire por cima de uma toalha limpa, polvilhada com açúcar, e deixe arrefecer tapado com o tabuleiro. Barre com o recheio e sirva.



Compota de goiaba

Ingredientes

- 8 goiabas grandes (não muito maduras);
- raspa e sumo de 1/2 limão;
- 2 colheres de sopa de açúcar.

Preparação

Descasque as goiabas finamente e corte em quartos. Coloque numa panela, adicione o açúcar, o sumo e a raspa de limão e água até quase tapar as goiabas. Ferva durante 5 minutos e deixe arrefecer antes de servir. Caso queira conservar, despeje a compota em frascos esterilizados, vede e ferva em banho-maria por 15 minutos. Deixe arrefecer dentro dessa água.



FIGHA TÉCNICA

Título
The Green Book

Lançamento: 2018

Gênero: Drama,
Comédia

Duração: 2h10

Director: Peter Farrelly



EM EXIBIÇÃO

Cinimax
Talatona
Horas: 13h20
até quinta-feira

Zap Cinema
Morro Bento
Horas: 18h50

ALUSÕES

Preconceitos

Um dos piores juízos de valores pré-concebidos que existem. Ele não se limita apenas ao racismo, mas a todas as formas de discriminação, que não reconhecem as outras formas de pensar ou agir que não sejam as suas. Chega a ser quase impossível crer, que num mundo tão “s sofisticado” e avançado como o actual ainda exista tanto preconceito. Mas há. E o pior é “olharmos de lado” e deixar muitas das vezes estas formas prosseguirem. O caos e o mal causados por este tipo de atitude nunca é medido, em particular por quem o prática, directa ou indirectamente, e as vítimas acabam sempre por serem ignoradas.

Reconhecimento

Mais uma vez volto a focar neste ponto. Em parte porque é um filme de música e o talento merece todo o destaque. No filme, e porque o tema era a segregação racial, o foco é o racismo e o quanto o pianista era menosprezado, apesar de todo o seu brio. Porém, existem outras formas de travar ou desmotivar os jovens talentos. O favoritismo. Uma realidade bem conhecida por todos e que ainda continua a fazer as suas “vítimas” por aqui, mas precisa ser invertida com rapidez, caso ainda queiramos ter muitos potenciais bons quadros angolanos no futuro.

“THE GREEN BOOK”

A reflexão analítica da vida sobre uma nova perspectiva

O melhor filme dos Oscars deste ano abre as portas a um mundo diferente do que aquele que conhecemos, pese embora já termos ouvido várias histórias e até mesmo visto, nos cinemas ou televisão, produções do género

Adriano de Melo

E o vencedor é... “The Green Book - Um Guia para a Vida”. O filme, o melhor dos Oscars deste ano, é, sem dúvidas, um retrato do racismo, mas sobre uma nova perspectiva, um pouco mais profunda que os anteriores. E, como era de se esperar do favorito da Academia de Hollywood, repleto de lições de moral e muito altruísmo.

Baseado numa história real, assente na amizade entre o músico Don Shirley (interpretado por Mahershala Ali - que recebeu o Óscar de melhor actor secundário pela sua performance) e o motorista Tony Vallelonga (Vigo Mortensen), o filme leva-nos a conhecer o “sul profundo” dos EUA, nos anos 60, numa fase de transição, em que os artistas negros já eram conceituados e bem sucedidos no norte, mas ignorados na região sul.

O objectivo da viagem do pianista Don Shirley era simples: “Mudar o coração das pessoas”. E para



Equipa de produção e actores durante os Óscares

isso era precisa muita coragem e não apenas ser genial. Porém, ao longo do caminho, o músico negro aprende um pouco mais sobre a sua própria cultura e a forma como o mundo os via. Simultaneamente cria uma afeição incrível pelo companheiro de jornada Tony Vallelonga, ou melhor Tony, de Lip (um vigarista que se sente feliz por conseguir aldrabar as pessoas).

No princípio dois mundos distintos entram em choque, mas no decorrer

de toda uma viagem, de dois meses, ambos descobrem um pouco de quão o mundo, melhor as pessoas, podem ser cruéis umas com as outras, assim como não importa o estatuto ou o dinheiro que tenhamos, a maior parte ainda continuara a julgar pela aparência.

“Um Guia para vida”, ou uma amostra do que ainda significa ser negro, mesmo num mundo evoluído, é a decisão final que cabe a cada um, uma vez que o realizador Peter

Farrelly nos leva a uma viagem mais profunda dentro do conceito de racismo, na qual até mesmo os que são contra essa prática também acabam por a demonstrar, na maioria dos casos indirectamente.

Embora esteja entre o drama e a comédia, “The Green Book” é muito mais analítico. Logo no princípio do filme aprendemos o que significa o “Green Book”. Um livro escrito para que os homens negros pudessem viajar, sem problemas, por algumas cidades dos EUA. Mas é horas depois de começarmos a ver o filme que descobrimos as consequências de errar no trajecto e ir para um destes locais.

Em exibição nas principais salas de cinema da capital, o filme merece toda a recepção positiva que teve desde a sua estreia, no Festival de Cinema de Toronto, assim como justifica-se todo o destaque que mereceu nos Oscars deste ano, por representar, com maestria, um pouco do “modo de vida” das comunidade sulistas norte-americanas.

ALTOS



Profundidade do racismo

O realizador Peter Farrelly abre as portas para um mundo desconhecido de muitos. Ao assistirmos a “The Green Book” conhecemos uma realidade sobre a qual já tínhamos noção, mas nunca a vimos desse jeito: o racismo do ponto de vista de um homem letrado, mais inteligente que o seu acompanhante, porém desvalorizado pelo seu tom de pele. É uma perspectiva muito introspectiva e bem-vinda, por preservar para a história o “modo de vida” das sociedades norte-americanas.

BAIXOS



O curto olhar à segregação

Dentro do próprio enfoque do filme faltou explorar um pouco mais o outro lado do racismo, gerado pelo preconceito do país onde nascemos. Em dois momentos o protagonista do filme Tony Vallelonga se insurge por o chamarem de italianinho. Ao que parece nos anos 60 nos EUA o preconceito não existia apenas por ser negro (embora fosse o mais activo e visto). Ser italiano ou de um outro país também era motivo de discriminação. Até hoje os asiáticos ainda sofrem. O filme coloca um pouco de lado o assunto, o que poderia dar ao público uma ideia ampla do preconceito.



REPÚBLICA DE ANGOLA
MINISTÉRIO DO COMÉRCIO
Centro de Logística e Distribuição de Luanda

ANÚNCIO DE ABERTURA DE PROCEDIMENTO DE CONCURSO PÚBLICO
Concurso Público n.º 1/2019

O Ministério do Comércio vem tornar público, nos termos da Lei n.º 9/16, de 16 de Junho - Lei dos Contratos Públicos, que está aberto o concurso público para a gestão e exploração das instalações logísticas e comerciais do Mercado Abastecedor (MAB) do Centro de Logística e Distribuição de Luanda (CLOD-Luanda), localizado na Estrada de Catete, Km 28, Município de Viana. Cada concorrente/Adjudicatário poderá submeter uma proposta para a exploração de um dos seguintes lotes:

- Lote 1 - Sistema de Lavagem/Calibragem e Mercado de Frutas e Legumes;
- Lote 2 - Sistema de Lavagem/Calibragem e Mercado de Raízes e Tubérculos;
- Lote 3 - Entrepasto Frigorífico de Carnes;
- Lote 4 - Mercado de Venda de Peixe;
- Lote 5 - Mercado de Venda de Carne e;
- Lote 6 - Fábrica de Gelo.

1. Dados da Entidade Pública Contratante (EPC)

- 1.1. Designação: Ministério do Comércio
1.2. Endereço: Largo 17 de Setembro, Edifício Palácio de Vidro, n.º 7.
1.3. Localidade: Distrito Urbano da Ingombota 1.4. Província: Luanda
1.5. Telefone/Fax: 222 338 737
1.6. Correio electrónico/ Endereço internet: www.minco.gov.ao

1.7. Tipo de entidade contratante e suas principais actividades: O Ministério do Comércio, abreviadamente designado por MINCO, é o órgão auxiliar do Titular do Poder Executivo, ao qual compete propor, formular, conduzir, executar, avaliar, controlar e fiscalizar a política do Executivo, no domínio do comércio, prestação de serviços mercantis, comércio rural e da reserva estratégica.

1.8. A EPC está a contratar por conta de outras entidades? Sim Não

2. Informações relativas ao Contrato

2.1. Designação dada ao contrato pela EPC: Contrato de Cessão de Exploração de Instalações Logísticas e Comerciais do Mercado Abastecedor do Centro de Logística e de Distribuição de Luanda.

2.2. Tipo de contrato:

- Empreitada de obras públicas
- Aquisição de bens móveis
- Aquisição de serviços
- Serviços de consultoria
- Locação de bens móveis
- Concessão de obras públicas
- Concessão de serviços públicos
- Outro:

2.3. Local da entrega das Instalações Logísticas e Comerciais: Estrada de Catete, Km 28, Município de Viana-Luanda.

2.4. O concurso implica a celebração de um contrato público? Sim Não

2.5. O concurso está aberto à participação de entidades estrangeiras? Sim Não

2.6. Breve descrição das prestações objecto do contrato: as prestações no âmbito do contrato assumem a denominação de taxa mensal de utilização.

2.7. Valor estimado do Contrato: 475 357 026 40 (quatrocentos e setenta e cinco milhões, trezentos e cinquenta e sete mil, vinte e seis kwanzas e quarenta cêntimos)

2.8. Prazo estimado do contrato: 1 ano renovável.

3. Informações relativas aos concorrentes e às propostas

3.1. Documentos de habilitação:

3.1.1. Declaração, nos termos do Anexo B do programa de procedimento, onde consta indicação do nome, número de Bilhete de Identidade e domicílio, Número de Identificação Fiscal (NIF), tratando-se de pessoas singulares, ou denominação social, sede, sucursais que devam estar envolvidas na execução do contrato, nomes dos titulares dos seus órgãos de administração, direcção ou gerência e de outras pessoas com poderes para a obrigar, Registo Comercial ou equivalente, tratando-se de pessoas colectivas.

3.1.2. Certificados de registo criminal dos representantes legais da sociedade.

3.1.3. Certificado de Registo Estatístico.

3.1.4. Cópia autenticada dos Documentos de Arrecadação de Receitas (DAR).

3.1.5. Certidão Contributiva original ou cópia autenticada – Emitida pelo Instituto Nacional de Segurança Social (INSS).

3.1.6. Certidão Fiscal original ou cópia autenticada – Emitida pela Repartição Fiscal.

3.1.7. Comprovativo da entrega da declaração fiscal mais recente.

3.1.8. Outros documentos – (i) Comprovativo de contabilidade organizada; (ii) Comprovativo de creditações, certificações, registos e outros documentos que atestam a idoneidade e experiência do proponente na actividade.

3.2. Admissão de propostas variantes: Sim Não

3.3. Exigência de caução provisória: Sim Não

4. Critérios de adjudicação

Preço mais baixo

Proposta economicamente mais vantajosa, tendo em conta os factores enunciados nas peças do procedimento.

5. Processo

5.1. Condições para obtenção das peças do procedimento:

5.1.1. Prazo para recepção de pedidos das peças do procedimento ou para aceder aos documentos: Data: de 6 de Março 5 de Abril de 2019 Hora: 8:00 às 15:30

5.1.2. Preço e condições de obtenção das peças do procedimento:

Preço: AKZ 150.000,00 (cento e cinquenta mil kwanzas)

Condições: Os interessados devem fazer prova do pagamento do valor previsto, mediante depósito na Conta Única do Tesouro (CUT), solicitando o respectivo comprovativo através da emissão do Documento de Arrecadação de Receita (DAR), tendo como referência o NIF: 7416013453 (Ministério do Comércio).

5.2. Prazo para apresentação das propostas: Data: 5 de Abril de 2019 Hora: até às 15:30

5.3. Valor da caução definitiva: 10 % do preço global da proposta

6. Informações Complementares

6.1. Endereço e ponto de contacto onde podem ser obtidas as informações adicionais, as peças do procedimento e enviadas as propostas:

6.1.1. Designação Oficial: Ministério do Comércio

6.1.2. Endereço: Largo 17 de Setembro, Edifício Palácio de Vidro, n.º 7.

6.1.3. Localidade: Distrito Urbano da Ingombota 1.4. Província: Luanda

6.1.5. Telefone/Fax: 222 338 737

6.1.6. Correio electrónico/ Endereço internet: www.minco.gov.ao

CENTRO DE LOGÍSTICA E DISTRIBUIÇÃO, em Luanda, a 1 de Março de 2019.

Administrador – Coordenador do CLOD-Luanda
Jacinto João

MULHER ANGOLANA

RUMO AO DESENVOLVIMENTO E BEM-ESTAR DAS FAMÍLIAS

24 Fevereiro - 30 Março
JORNADA MARÇO-MULHER
02 MARÇO ACTO CENTRAL CUANZA-NORTE

Redobremos o apoio às tarefas do Plano de Desenvolvimento Nacional, eleições autárquicas, operação "Resgate" e combate à corrupção e à violência doméstica.

57 ANOS PELA EFECTIVA IGUALDADE DO GÉNERO

2 MARÇO Dia da Mulher Angolana - **8 MARÇO** Dia Internacional da Mulher

(700.020)

tvocabo

PREÇÁRIO TVCABO MARÇO 2019

PACOTES VIV		
PACOTES	NET + TV + VOZ	MENSALIDADE
VIV XS	Até 1 Mbps Down / 724 Kbps Up (ilimitado) + Zap Mini + Liga Já	8.100 Kz
VIV S	Até 1 Mbps Down / 724 Kbps Up (ilimitado) + Zap Max + Liga Já	9.600 Kz
VIV M	Até 2 Mbps Down / 1 Mbps Up (ilimitado) + Zap Max + Liga Já	11.800 Kz
VIV L	Até 2 Mbps Down / 1 Mbps Up (ilimitado) + Zap Premium + Liga Já	15.100 Kz
VIV XL	Até 4 Mbps Down / 1 Mbps Up (ilimitado) + Zap Premium + Liga Já	17.400 Kz
VIV XXL	Até 20 Mbps Down / 4 Mbps Up (ilimitado) + Zap Premium + Liga Aí	21.900 Kz
VIV XXXL *	Até 40 Mbps Down / 6 Mbps Up (ilimitado) + Zap Premium + Liga Aí	64.900 Kz
VIV FXS	Até 1 Mbps Down / 724 Kbps Up (ilimitado) + DStv Fácil ** + Liga Já	8.100 Kz
VIV GS	Até 1 Mbps Down / 724 Kbps Up (ilimitado) + DStv Grande + Liga Já	9.600 Kz
VIV GM	Até 2 Mbps Down / 1 Mbps Up (ilimitado) + DStv Grande + Liga Já	11.800 Kz
VIV GM+	Até 2 Mbps Down / 1 Mbps Up (ilimitado) + "DStv Grande+" + Liga Já	13.800 Kz
VIV BL	Até 2 Mbps Down / 1 Mbps Up (ilimitado) + DStv Bué + Liga Já	15.100 Kz
VIV BXL	Até 4 Mbps Down / 1 Mbps Up (ilimitado) + DStv Bué + Liga Já	17.400 Kz
VIV BXXL	Até 20Mbps Down/ 4 Mbps Up (ilimitado) + DStv Bué + Liga Aí	21.900 Kz
VIV BXXXL *	Até 40 Mbps Down / 6 Mbps Up (ilimitado) + DStv Bué + Liga Aí	64.900 Kz

Mat. CDE de Luanda, DOP-02, Nº Contribuinte 5402091501, Cap. Social 884.997,76, AIDA

* Disponibilização e instalação do serviço apenas em fibra e sujeitas a avaliação técnica.
** DStv Fácil só é comercializado em pacote.

TVCABO Angola, Lda.
Travessa N'Gola M'Bandi
Bairro da Madeira - Luanda

T (+244) 222 680 002 | F (+244) 222 680 001 | tvocabo@tvocabo.co.ao | www.tvocabo.ao

(500.233)

Decreto Executivo nº 190 / 17

INSTITUTO SUPERIOR POLITÉCNICO LUSÍADA DA LUNDA-SUL

INSCRIÇÕES ABERTAS!

Licenciaturas:

- Direito
- Economia
- Psicologia
- Gestão de Recursos Humanos

Inscreva-se já!

INSTITUTO SUPERIOR POLITÉCNICO LUSÍADA DA LUNDA-SUL...
PENSAMOS NO SEU FUTURO.

(1254)

Para mais informações, contacte-nos: 936 69 27 70

Para mais informações, contacte-nos: 936 69 27 70

/isplusiadalundasul

ESCOPO DO (IN)VISÍVEL

A língua materna em Angola

“A Nação angolana é multilíngue e multicultural. A aceitação desta realidade nacional não se circunscreve apenas às exigências políticas mas principalmente à questão do respeito à identidade sócio-linguística, sócio-cultural e sócio-histórica do povo. Pois, torna-se um dever moral/espiritual do Estado a definição de estratégias que garantam o direito dos indivíduos que têm as línguas nacionais como língua materna a utilizá-las”

Ezequiel Bernardo

O Dia Internacional da Língua Materna foi proclamado pela Conferência Geral da UNESCO em Novembro de 1999 e a sua efeméride foi assinalada a 21 de Fevereiro. A data foi definida devido a morte de estudantes universitários e activistas políticos em 1952, na região leste paquistanesa (actual Bangladesh), que tinham como língua materna o “Bengali” e protestavam contra a decisão do Governo de definir a língua “Urdu” como a única língua oficial em todo território. Porém, a proclamação do Dia Internacional da Língua Materna visa proteger todas as línguas, respeitando tradições culturais e a diversidade linguística, permitindo, por outro lado, a adopção do ensino em língua materna. Entendida a língua materna como a língua que aprendemos primeiro e em casa, por meio dos pais e que é frequente ser a língua da comunidade em que o indivíduo esteja inserido.

Embora o período colonial tenha exercido a sua influência na (des)construção das ideologias e culturas nacionais, o Estado angolano no pós-independência deveria reverter o quadro imposto permitindo uma maior visibilidade das línguas nacionais, isto é, que fossem co-oficializadas e inseridas no sistema de ensino, mas a sociedade angolana contemporânea destaca a língua portuguesa como a língua de poder e ascensão social. A construção desse cenário linguístico e cultural constrói uma visão de mundo alheia a realidade nacional bem como a alteração do processo identitário do indivíduo que tem a língua materna como a língua nacional. Nessa senda, Angola enfrenta um dos maiores desafios de todos os tempos, o da definição do Estatuto das Línguas nacionais e a inserção das línguas nacionais no sistema de ensino considerando a realidade sociolinguística que caracteriza o país. A (in)definição do lugar que ocupam as línguas nacio-

nais segrega, marginaliza e estigmatiza o indivíduo que tem essas línguas como LI ou língua materna. Porém, sendo Angola um mosaico linguístico que envolve diversas línguas, identidades e culturas, cenário observável em África de forma geral, o Estado deve definir políticas concretas que tenham em atenção a particularidade do país.

Nessa perspectiva, e considerando o contexto multilíngue e multicultural, ao Estado impõe-se o desafio de romper com as políticas colonizadoras que ainda prevalecem ao fazer parecer que estamos numa realidade monolíngue, o que se pode observar nas definições de políticas públicas que envolvem o sistema de ensino. Se por um lado, aceitamos a diversidade linguística e cultural, ao termos um Instituto de Línguas Nacionais, por outro lado, negamo-las de forma implícita, como se pode observar em realidades escolares em áreas rurais em que indivíduos bilingues, cuja língua materna é a língua nacional, não podem ser ensinados nas tais línguas, sendo obrigados a aprender em e na língua portuguesa, a língua de prestígio que muitos dos residentes em áreas rurais não falam. Essa realidade mostra claramente o quanto o português é hegemónico e promotor de silenciamento do lugar que ocupa a língua materna na vida desses indivíduos e no processo de ensino. Quanto a essa questão o Relatório da Campanha Global de Educação realizada em Johannesburg (2013, p. 3) destaca que “crianças em áreas rurais remotas, que falam uma língua em casa e não têm contacto com a língua de ensino fora da sala de aula, frequentemente têm grandes problemas em conseguir compreender o que quer que seja na língua ensinada na escola”. O Relatório vai mais longe ao descrever que “a baixa qualidade e os fracos resultados obtidos em muitas escolas africanas podem ser parcialmente relacionados com a língua. Como observa a UNESCO: “África é o único continente onde a maioria das crianças começam a escola utilizando uma língua estrangeira. A educação é quase universal-



mente ministrada nas antigas línguas coloniais – Francês, Inglês ou Português – que a maioria dos jovens não fala em casa”. Logo, a qualidade de ensino em muitas localidades em Angola não é das melhores, uma vez que o indivíduo usa a língua nacional no seio familiar mas na escola a doutrina do ensino é em língua portuguesa.

As situações descritas acima cogitam os seguintes questionamentos: Que relevância tem para Angola o dia Internacional da Língua Materna? Que lugar ocupa a língua materna de muitos indivíduos angolanos? Para quando o direito dos indivíduos aprender na sua língua? Para quando a co-oficialização dessas línguas? As políticas públicas definidas para o ensino favorecem a inclusão desses indivíduos ou a sua exclusão?

Embora o Censo Geral da População e da Habitação de 2014 faça menção de que a maior parte da população fala o português, sou apologista de que urge a realização de um Censo Linguístico para melhor obtermos subsídios que permitam compreender o estado das línguas nacionais. Esta posição resulta da observação

feita na ficha do censo, no ponto reservado às línguas, que a meu ver foi um ponto vago dentro do que se pretendia alcançar em torno das línguas.

Dessa feita, o monolingüismo que se instaura procura asfixiar o multilingüismo e multiculturalismo angolano com simbologia, ideologia e cultura europeia, tal como promove a Lei de Base do Sistema de Educação e Ensino nº 17/16, que não apresenta nenhum objectivo, artigo e inciso relacionado ao ensino da língua materna. O Plano Nacional de Educação Para Todos que de todos só uma parte se vê representada, isto é, os que têm o português como sua língua materna são os privilegiados no ensino e demais situações da vida social. Esse cenário nacional promove a segregação dos indivíduos cuja língua materna é a língua nacional, tornando-os mais pobres por não terem vez e voz, promovendo desse modo uma elite detentora da língua hegemónica.

Para que as festividades do Dia Internacional da Língua Materna deixem de ser uma utopia em Angola, torna-se necessário a autodeterminação linguística e

pautar-se por um país mais inclusivo e imparcial, isso no que concerne ao ensino em língua materna, que passaria pela: (i) definição do Estatuto das Línguas Nacionais envolvendo os domínios de utilização, (ii) definição de acções sistemáticas permanentes de formas a permitir a promoção e utilização das línguas nacionais como elemento de resolução de problemas, (iii) co-oficialização de modo a reforçar a inserção das línguas nacionais no sistema de ensino como matéria e não como disciplina. Os três pontos descritos, se inseridos nas políticas de Estado permitiriam a redução das assimetrias, das desigualdades, da marginalização e promoveria o reconhecimento, o respeito das línguas nacionais. Todavia, a falta de ensino na língua materna dos indivíduos torna-se um acto de discriminação influenciando a que tais indivíduos que frequentam a escola venham a desistir porque o plano curricular nada tem a ver com a sua língua e cultura.

TVCine / Estreias



Quando o número 3 dá sorte

Madame é uma história de superstições, coincidências e muitas surpresas... Quando estes três elementos se combinam, o resultado só pode ser hilariante. A madame é Maria, Rossy de Palma, empregada de um casal americano expatriado em Paris (Anne, Toni Collette e Bob, Harvey Keitel). Quando uma presença inesperada num jantar coloca 13 pessoas à mesa, a supersticiosa anfitriã recusa-se a dar oportunidade ao azar e, assim, transforma a empregada numa convidada espanhola especial. O que nenhuma delas esperava, é que um comerciante de arte britânico se apaixonasse por Maria. De empregada a madame, uma divertida odisséia social a não perder neste domingo.

TVCine 1

Domingo, às 21h30



A viagem de uma vida

Dois veteranos do cinema, Hellen Mirren e Donald Sutherland, brilham em Ella e John, um road movie emocionante sobre duas pessoas que, não tendo nada a perder, embarcam na última aventura das suas vidas. Baseado no livro de Michael Zadoorian e realizado por Paolo Virzi, Ella e John conta a história de um casal, junto há 48 anos, que ainda tem sonhos a realizar. Ele, com sinais de alzheimer, quer conhecer a casa de Hemingway na Flórida. Ela, com cancro, quer aproveitar a vida até a última gota. Assim, praticamente fogem dos filhos, histéricos com a opção dos pais, e embarcam numa autocaravana em busca da felicidade. Um filme intenso, que estreia diretamente nos canais TVCine, a ver segunda-feira, às 22h30.

Segunda-feira,
TVCine 2
22h00

Filmes

O Estrangeiro



Quando vê a sua filha ser morta por uma bomba num atentado terrorista, Quan procura os culpados através de Liam Hennessy. Hennessy não sabe que Quan foi treinado pelas forças especiais dos EUA e subestima-o.

Domingo - 17h50
Tvc1

Alto e Poderoso



Um avião da carreira Honolulu-São Francisco é apanhado no meio de uma tempestade o que o faz perder o rumo.

Domingo - 16h05
Tvc2

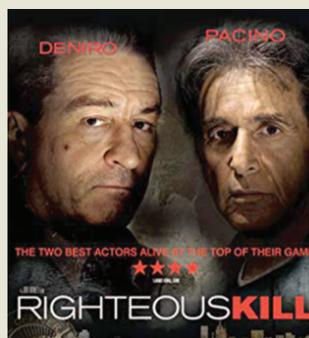
Últimos dias no Deserto



Um capítulo imaginado na história dos 40 dias de jejum e oração de Jesus no deserto. No meio do nada, Jesus luta com o Diabo por causa do destino de uma família em crise.

Domingo - 20h45
Tvc3

A Dupla Face da Lei



Enraivecido, um polícia veterano começa a fazer justiça com as próprias mãos nos casos em que esta falha, mesmo debaixo do nariz do seu colega de longa data.

Domingo - 21h15
Tvc4

Mais pequenos



A história de Pedrito Coelho

A série conta a história de Pedrito Coelho que vive num lago no norte de Inglaterra. Ele é muito traquino e matreiro, capaz de ultrapassar todos os obstáculos, supera predadores e evita o perigo. Quando crescer o Pedrito quer ser como o seu pai, que é o seu grande modelo. Entretanto, vai vivendo muitas aventuras com os seus amigos, o primo Benjamin e a nova amiga Lily.

Amanhã - 07h30



Elena de Avalor

Conheça a história de Elena de Avalor, uma jovem que, depois de salvar seu reino das garras de uma cruel feiticeira, precisa assumir a coroa e aprender a comandar o seu povo, enfrentando desafios e obstáculos com a ajuda de alguns amigos mágicos.

Hoje, 07h30 - 08h00



Chovem Almôndegas

Numa cidade obcecada com sardinhas que não o surpreende, Flint Lockwood é um jovem a tentar mudar o mundo, invenção a invenção. A sorte dele é que a sua melhor amiga e aspirante a meteorologista Sam Sparks está lá para o ajudar!

Hoje - 08h20



Doodleboo T1

Com alguns traços do seu lápis, Doodleboo consegue sempre fazer um desenho divertido, que ganha vida assim que acaba de ser colorido.

Hoje,
09h22



Futebol

Rio Ave FC defronta Sporting de Braga



A equipa de Jonathan Buatu e Gelson Dala, o Rio Ave FC joga hoje, às 19h30, contra a formação de Wilson Eduardo, o Sporting de Braga no Estádio dos Arcos, em Vila do Conde, para a 24ª jornada do campeonato português denominado Liga Nos. O Rio Ave ocupa a nona posição da tabela classificativa, com 28 pontos, enquanto o Sporting de Braga está na terceira com 49.

Na primeira volta, as equipas terminaram o jogo empatadas a uma bola no Estádio Municipal de Braga, com realce para o golo de Gelson Dala, aos 34 minutos. O angolano, que é a ausência confirmada no desafio recupera da lesão.

Na TV: Sport TV
Acompanhamento: Online
Hora: 19h30

Séries

Billions



A ambição e a traição estiveram sempre presentes bem no coração de Billions e, desta vez, os inimigos Bobby Axelrod e Chuck Rhoades vão elevá-las a um novo nível.

TVSéries
Terças - 22h30



Knightfall Templários

No mundo clandestino da lendária irmandade dos monges guerreiros, as batalhas na Terra Santa, a complexa relação com o rei de França e a traição levaram à trágica dissolução dos Templários, cuja história nunca foi totalmente contada... até agora.

Domingo - 23h30

Música



Grande concerto de Landrick

O concerto do músico Landrick, numa realização da produtora Bom Som, já anima as expectativas dos fãs e apreciadores da boa música criada por jovens. Do leque de convidados de luxo constam os nomes de Anselmo Ralph, a dupla YoBass, ou seja Yola Araujo e Bass, Loony Johnson, Liriany Castro, Miguel Buila, Anna Joyce e o grupo TRX. Landrick ganhou a paixão pela música pela influência dos seus familiares. Em 2015 lançou o seu primeiro álbum de originais, “Mr. Confuso”, conquistando os prémios de cantor revelação no Top dos Mais Queridos da RNA e Top Rádio Luanda, assim como o prémio de melhor músico no concurso Moda Luanda. Também conhecido por Mr. Confuso, Landrick dedica este concerto a todas as mulheres angolanas.

Cine Atlântico
Sábado

Conferência



A normalização da língua portuguesa

A Academia Angolana de Letras promove a conferência “África e a Normalização Ortográfica da Língua Portuguesa”, a ser proferida pelo linguista e professor da Universidade Eduardo Mondlane, de Moçambique, Bento Siteo. O conferencista moçambicano além de linguista e professor é escritor, sendo doutorado em Linguística Africana, interessado em Linguística Comparativa; Linguística Descritiva das Línguas Bantu, Lexicografia, Tradução e Literatura em línguas africanas. É co-autor do livro “Estão as Línguas Nacionais em Perigo?”.

Memorial Dr. António Agostinho Neto
Quarta-feira, 16 horas

Artes Plásticas

Exposição de Kiluanji kia Henda

A exposição individual do artista Kiluanji kia Henda, intitulada “Concreto Blues”, inaugurada na passada quinta-feira, continua patente até 20 de Abril. Para o artista a exposição é “uma ode à cidade de Luanda e seus habitantes que se reinventam diariamente, para sobreviver entre as centenas de estruturas abandonadas de betão, também conhecidas como ‘monumentos da ganância’”. Já Suzana Sousa, curadora da exposição, “Concreto Blues” de Kiluanji kia Henda “pega-nos pela mão e mostra-nos Luanda por uma lente que nos obriga a um olhar novo, que nos leva a ‘re-situarmos-nos’ num espaço que é simultaneamente familiar e estranho”. Nascido em Luanda em 1979, Kiluanji kia Henda é um dos artistas angolanos mais consagrados. Dentre as suas várias distinções encontramos o Prémio Nacional de Cultura e Artes de 2012, a selecção entre os 100 Leading Global Thinkers (Liderança de Pensadores Globais) pela revista americana Foreign Politics em 2014 e o prémio Frieze London de 2017, entre outros.

Jahmek Contemporary Art
Até 20 de Abril



Cecília Costa propõe “(Re) Encontros”

O A artista Cecília Costa apresenta quarta-feira a sua exposição individual de desenho denominada (Re)Encontro, que fica patente até ao dia 12 de Abril. A exposição tem a curadoria de António Ole, um dos maiores nomes da arte contemporânea angolana, e reúne um conjunto de obras representativas do percurso da artista no desenho. As obras representam uma espécie de transição, uma fase de reflexão, sendo algumas delas um exercício de enclausuramento. António Ole considera que a artista tem no desenho a sua força de expressão essencial e que existe um trabalho intimista, nas profundezas do ser e na carga poética que habita a matriz destes desenhos. Cecília Costa nasceu em 1971 nas Caldas da Rainha, em Portugal e actualmente reside em Lisboa.

Camões / Centro Cultural Português
Quarta-feira, 18 horas



Filmes Em exibição (Zap Cinema)

Captain Marvel

Actores: Brie Larson, Gemma Chan, Mckenna Grace

Ano: 2019

Argumento: Anna Boden, Ryan Fleck

Género: Acção

Realizador: Anna Boden, Ryan Fleck

Carol Danvers torna-se um dos heróis mais poderosos do universo quando a Terra é capturada no meio de uma guerra galáctica entre duas raças alienígenas.



O Filme Lego 2

Actores: Chris Pratt, Elizabeth Banks, Will Arnett

Ano: 2019

Género: Animação

Sinopse

A batalha para os derrotar e restaurar a harmonia do universo LEGO levará Emmet, Lucy, Batman e os seus amigos a mundos longínquos e inexplorados, incluindo uma galáxia onde tudo é um musical. Será um teste à coragem, à criatividade e aos talentos destes Mestres Construtores e mostrará como eles são especiais.



Prodígio

Actores: Taylor Schilling, Brittany Allen, Jackson Robert Scott

Ano: 2019

Género: Terror

Realizador: Nicholas McCarthy

Sinopse
Taylor Schilling interpreta a protagonista Sarah, cujo filho sobredotado, Miles manifesta um comportamento perturbador que evidencia a eventual possessão por uma força maléfica e possivelmente sobrenatural. Receando pela segurança da família, Sarah terá de escolher entre o instinto maternal de amar e proteger Miles e uma necessidade desesperada de investigar aquilo que – ou quem – é responsável pela sombria e assustadora transformação deste.

